

LINGÜÍSTICA HISTÓRICA *

Theodoro Henrique Maurer Jr.

Historicismo ou Lingüística Histórica?

O estudo da Lingüística já não é simplesmente obra dos historiadores. Outros interesses, outras preocupações dominam hoje, e é natural que assim seja. Apenas é de lamentar que, às vêzes, as novas pesquisas, menosprezando as grandes conquistas do passado, criem certa oposição entre os dois grupos. Estamos hoje na época do estudo direto, da observação da língua viva, realizada por um grupo muito grande de lingüistas que constitui um imenso movimento e apresenta uma variedade quase infinita de matizes, como aquela que foi apresentada hoje tão doutamente pelo Prof. Mattoso Câmara Júnior. Referimo-nos ao estruturalismo ou, para usar um termo freqüente em nossos dias, à **Lingüística Descritiva**.

Essa tensão, êsses choques se compreendem. A Lingüística da geração anterior e a do século XIX, apresentavam um caráter rigorosamente histórico, com uma estranha aversão, quase — podemos dizer assim — depreciação da observação direta da língua viva. De fato, também aquêle movimento era uma reação contra a gramática predominantemente lógica, filosófica, que tinha dominado até os fins do século XVIII.

A reação pôs de lado não apenas essa gramática defeituosa na sua elaboração e nos seus princípios, mas o próprio interesse em uma gramática descritiva, em um estudo direto da língua viva.

(*) O texto que se vai ler constitui uma transcrição das fitas magnetofônicas, sem revisão do Autor.

Outra razão, além da unilateralidade de preocupações do século XIX, está naturalmente em que a **Linguística Histórica** daquele século chegou a constituir muitas vezes escolas. Tentava explicar o fenômeno da linguagem humana e o seu comportamento no tempo. Desenvolveram-se a noção de mentalidade coletiva, as concepções organicistas de origem biológica a respeito da linguagem, e dessarte um movimento essencialmente científico acabava muitas vezes por transformar-se em escola **linguística**, moda passageira como tôdas as modas o são. Ademais, é humano que entre as correntes novas e as antigas surjam em geral choques.

Procuraremos apresentar aqui, porém, aquilo que a **Linguística Histórica** tem de científico, e portanto, permanente, e não aquilo que possa representar a moda, ou mesmo, a orientação escolar de uma época. Eis a razão por que, a dizer verdade, preferimos falar em "**Linguística Histórica**", e não em "**Historicismo**". "**Historicismo**" sugere escola, enquanto "**Linguística Histórica**" indica uma parte integrante essencial do estudo **lingüístico**.

Onde há mudança deve haver história; do contrário nosso conhecimento do fato permanece incompleto. Não há história do ouro, pelo menos no sentido de metal que se transforma, porque admitimos que o ouro sempre foi ouro. Mas há uma **Paleontologia**, isto é um estudo da vida antiga. Há uma **Geologia Histórica** ao lado da **Geologia Descritiva**, porque todos sabemos que a terra nem sempre foi aquilo que é hoje; do mesmo modo e pela mesma razão, inevitavelmente tem de haver uma **Linguística Histórica**. Porque nós sabemos que as línguas do passado não foram iguais ao que são hoje. Elas se transformaram e evoluíram. Querer fazer ciência da linguagem sem o estudo dêsse aspecto seria renunciar a metade da ciência. O que importa é o fato da transformação. Não discutimos as teorias, as especulações e as escolas que muitas vezes surgiram no passado e continuam a surgir, numerosas, no presente com a intenção de explicar êsses fatos. Eis um exemplo disso, apesar de corriqueiro: quando lemos textos dos séculos XIV ou XV, em vez de **amals** encontramos **amades**, que se liga a uma forma bem mais antiga ainda, a latina **amatis**. Aqui há um fato que cabe ser conhecido e que não pode ser deixado de lado por uma mente científica; o resto, pode ser, como dissemos, especulação, e naturalmente houve correntes de interpretação em tórno dêsse fato. Essas escolas existem,

infelizmente ou felizmente, em tôdas as ciências, tanto nas ciências humanas como nas ciências biológicas e mesmo em outras. Quem não ouviu já falar no Vitalismo e no Mecanicismo que dividiam os biólogos, sobretudo os do século passado, e às vêzes continuam a dividir os do presente?

Na ciência, muitas vêzes, há o perigo da moda, o apêgo aos mestres, o apêgo ao passado, ou então o apêgo ao presente em detrimento do passado. O que importa cultivar é o espírito da verdadeira sabedoria que foge à vinculação às escolas e especialmente aos seus exageros. Quase sempre as escolas têm elementos de verdade em seu programa, mas tendem a ser exclusivistas, e surgem então outras escolas com o fim de lembrar ou salvar aquilo que foi colocado de lado. Não nos esqueçamos de que o que importa em ciência antes de tudo é a **primazia dos fatos bem observados**, serenamente observados, e a explicação dêles, desde que explicação evidente e clara. Sobretudo é necessário exercer a maior vigilância para que os nossos preconceitos escolares não nos levem a entrar em conflito com os fatos a fim de não suceder aquilo que uma anedota atribui a Hegel. Conta-se que um seu leitor dirigindo-se a êle, informou-o de que determinada teoria sua sustentada por um método racionalista, infelizmente não condizia com os fatos. Ao que êste teria respondido simplesmente: "Então, pior para os fatos".

Passemos para a linguagem. A linguagem tem um duplo aspecto, do ponto de vista que estamos considerando aqui. Como instituição humana que é — usemos essa expressãc, embora imperfeita — ela tem uma **função atual** e única, a de comunicar, e uma **história**, isto é, tem raízes em um passado que lentamente foi acumulando as suas formas, fixando e alterando continuamente suas funções até chegar ao presente. O estudo das funções da língua se faz pela observação direta de sua manifestaçãc e compete à **Linguística Sincrônica**; ela estuda-a em um momento dado e único, condição para que possamos compreender-lhe a função e o valor.

Por outro lado, as línguas se transformam, se modificam; estamos diante de um fato incontestável e indiscutível. Cabe à **Linguística Diacrônica** o estudo da língua em sua evolução de um passado remoto até o presente; êste é o único caminho que nos permite compreender todos os fatores sempre presentes na língua, bem como as ações e reações que a formam,

que lhe dão as suas características gerais, que permitem compreender a variedade e a multiplicidade de suas manifestações. Um grave êrro da Lingüística Histórica do século XIX e primórdios do século XX foi pretender que ciência da linguagem fôsse sempre história das línguas. O conhecimento primordial do que é a linguagem humana só pode provir da observação no momento em que ela está sendo usada, em sua função. Mas ao lado disso, há um estudo diacrônico, próprio de um fato que sempre tem história.

A Lingüística Geral, em suma, deve ter dois ramos essenciais: a Lingüística Sincrônica e a Lingüística Diacrônica.

A Lingüística Sincrônica tem apresentado trabalhos meritórios, desenvolvidos desde os fins do século passado; ela começou com a Geografia Lingüística pela sua elaboração de mapas, pela recolha de material especial e pela preocupação de descrever objetivamente uma língua viva, fazendo **tabula rasa** de todas as teorias e preconceitos que pudessem desvirtuar a compreensão da linguagem. Tais preocupações têm aparecido em tôdas as escolas lingüísticas do passado e do presente. As velhas considerações filosóficas e lógicas da gramática com suas raízes nos filósofos gregos; os preconceitos historicistas que muitas vêzes desvirtuaram os fatos (aliás, um deles foi lembrado hoje cedo, a respeito do verbo **comer**). Certamente, quem usa hoje o verbo **comer** tem consciência de um elemento radical que nada tem que ver com as suas origens históricas, no velho indo-europeu, através do latim. Recorrer a êsses conhecimentos históricos para entender o fenômeno é desvirtuá-lo. Mas êsse procedimento não é só dos historicistas, temos presenciado freqüentemente, sobretudo em algumas escolas estruturalistas. Reina, não raro, certa preocupação de impor moldes à linguagem com o risco de impossibilitar uma observação objetiva dos fatos.¹ Aliás, não faz muito, um eminente lingüista estrangeiro, que não conhece o português, em preleções que fêz em São Paulo insistia em que nós tínhamos de fazer distinção entre “meu chapéu” e “o meu chapéu”; que uma língua não podia admitir uma identidade completa de duas formas estruturalmente diferentes. Mas ne-

(1) Lembre-se, a êsse respeito, que a estrutura lingüística tem de ser observada, e não imposta aos fatos. Vidos em seu *Manual de Lingüística Românica*, Madri, Aguilar, (1963), pp. 139, 142 e 145 relaciona algumas soluções esquemáticas que não têm em conta a realidade lingüística.

nhum dos brasileiros presentes conseguiu preencher a diferença de significação que êle, partindo de um postulado teórico, julgava dever existir.

Foi lembrado aqui que fui aluno de Bloomfield há cerca de vinte anos atrás. Devo dizer que embora me sinta muito honrado por ter partilhado de sua companhia durante um ano — Bloomfield foi um dos espíritos mais brilhantes, mais serenos e mais modestos que conheci entre os grandes corifeus da lingüística moderna — não consegui, entretanto, aderir ao seu mecanicismo lingüístico, à sua preocupação behaviorista, à postergação da mente que se vê em sua orientação. Mas havia incontestavelmente no seu esforço um grande mérito e uma inspiração interessante: o de procurar fazer uma descrição rigorosa e objetiva da língua, pondo de parte tudo aquilo que se aprende não só nas escolas que acabei de mencionar, mas até mesmo o conhecimento da língua materna ou das línguas de cultura que constituem o nosso lastro básico. Essa grande lição êle a tinha aprendido não simplesmente dos grandes mestres da Europa, com quem tinha estudado, mas como êle próprio lembrava, devia-a muito particularmente à fascinação que sentiu no estudo de um gramático indu, velho de dois mil e quinhentos anos, Pânini, na sua descrição admirável da língua sânscrita, feita em oitenta páginas. É verdade que essa preocupação também tornou Bloomfield frequentemente obscuro e pesado como era Pânini, o mestre que tanto admirara.

Mas vamos à diacronia um pouco mais diretamente. As suas bases estão, em certo sentido, na própria sincronia, pois que a língua viva que observamos quotidianamente não se caracteriza simplesmente, por uma rigidez estável e inflexível de **formas** e de **funções**. Mesmo a língua observada no momento, num grupo pequeno de pessoas que a falem, apresenta uma impressionante variabilidade. De fato, a própria língua não é algo rígido, inteiramente idêntico em milhares de pessoas que a falam. A língua é o substrato, modelo ou esquema que cada um de nós tem e que usa no momento em que fala. Mas esta língua depositada, por assim dizer, na nossa mente, é alguma coisa que vai sendo constantemente retocada, porque cada um de nós, em certo sentido, tem uma "língua" própria. Com efeito, a linguagem apresenta uma quádrupla viabilidade:

a) A língua varia de indivíduo para indivíduo, porque apesar da média geral, a minha língua portuguesa não é totalmente semelhante à dos meus amigos mais íntimos, dos meus colegas com quem mais convivo.

b) Há uma variação social ou variabilidade vertical dos “dialetos sociais”, como poderíamos chamá-los.

c) Há uma variabilidade espacial ou horizontal, de que decorrem os dialetos e falares regionais múltiplos.

d) Por fim, há a variabilidade temporal, a que se deve o fato de que de dia a dia a minha língua vai sendo retocada e ligeiramente modificada. Quer dizer que a língua existe como que em ebulição, e é essa ebulição que observamos, sempre, ao tentar registrar os fatos da língua falada no momento em que é usada. Obviamente, não deve a descrição da linguagem ignorar essa flutuação.

Ora, a curiosa instabilidade e variabilidade que podemos observar, sincrônicamente, no estudo de uma língua, só pode ser avaliada em suas plenas conseqüências quando podemos, como por exemplo, no caso do latim, acompanhá-la durante dois mil anos ou, no caso do grego, durante três mil, para sentir as conseqüências totais dessa instabilidade. Assim, volto a insistir: há um lugar para as duas coisas, para a observação direta, que nos mostra a essência da linguagem — sua função² — e para sua feição histórica, pois a linguagem é um instrumento da vida social do homem no presente, como foi no passado. Ora, se seu estudo há de ser científico, por força havemos de encará-la em seu todo.

Não deixa de ser interessante notar, nessa linha de considerações, que eram historiadores da linguagem os grandes criadores da Linguística Sincrônica moderna, particularmente do estruturalismo, naquilo que êle tem produzido de melhor. Tal se deu com Saussure, em cuja “*Mémoire sur le système des voyelles dans les langues indoeuropéennes*”, escrito quando êle tinha 21 anos, em 1878, trabalho insuperável pela admirável perfeição de método, já se delineava a consciência da língua como sistema, princípio que revelou em suas lições da idade madura.

(2) A insistência na *função* da linguagem constitui, indubitavelmente, o mérito da moderna reação ao historicismo do séc. XIX.

Jakobson, desde o início de seu movimento, teve uma preocupação histórica bem acentuada que revela, por exemplo, em seus "Princípios de fonologia histórica"³.

Bloomfield era professor de Lingüística Indo-européia e Lingüística Geral, e nunca deixou de se interessar pela Gramática Histórica e Comparada; aliás, eu tenho o prazer de guardar ainda em cópia datilografada um de seus últimos trabalhos, que êle me havia oferecido. Trata-se de um estudo sôbre as línguas algonquianas em que aplicara o método da Lingüística Comparada.

Hjelmslev numa aula inaugural na Universidade de Copenhague, em 1937, insiste na importância fundamental da comparação em Lingüística⁴.

A Utilidade da Lingüística Histórica

Não sei se há necessidade de discutir a utilidade da Lingüística Histórica; uma ciência de fatos reais não pode ficar à espera de que se lhe descubra uma utilidade especial.

Em todo caso, o problema tem sido focalizado, e será bom lembrar alguns benefícios trazidos pela Lingüística Histórica, especialmente para as ciências históricas, mas depois também para a elaboração de uma ciência da linguagem.

1) Primeiramente, essa direção dos estudos lingüísticos avaliou as **relações de parentesco** entre as línguas reunidas em grupos de acôrdo com sua origem comum, o que permitia reunir em "famílias" grande parte das línguas disseminadas no mundo.

Trabalho análogo se fêz nas ciências biológicas, aliás em escala muito maior, pois temos aqui centenas de milha-

(3) "Principes de phonologie historique", publicado em apêndice ao trabalho fundamental de N. S. Trubetzkoy — *Principes de phonologie*, trad de J. Cantineau, Paris, Klincksieck, 1957, pp. 315-336. Nas "Notes autobiographiques de N. S. Trubetzkoy" que Jakobson publicou nesse mesmo volume, pp. XV-XXIX, constata-se a cada passo as inclinações historicistas de Trubetzkoy. V. também as declarações de A. Martinet, *ibidem*, p. X.

(4) "It is by comparison, and only by comparison, that the connections or relationships, between languages can be traced, whatever these relationships may be"; e adiante: "Linguistics comparison is unthinkable, and the term *comparative linguistics* is in fact tautological". Cf. *Essais de linguistique*, 1959, p. 16.

res de espécies, ao passo que só há cêrca de três mil línguas. A classificação constitui uma atividade básica importante no estudo dos sêres estudados pelo homem, constituindo uma preocupação científica normal e básica.

2) Em segundo lugar, estabeleceram-se as **relações culturais** entre os povos, o que torna a Linguística Histórica precioso auxiliar da História e da Antropologia. A Linguística Histórica não revela sômente as relações de origem entre duas ou mais línguas. Distingue, com relativa facilidade, aquilo que é herdado de um “berço” lingüístico comum daquilo que uma língua ou um grupo de línguas toma por empréstimo. Assim, por exemplo, o exame do finlandês revela a presença de grande número de germanismos anteriores à era cristã, o que permite fazer um estudo interessante sôbre a relação de costumes e de cultura entre os dois grupos numa época pré-histórica. Os têrmos gregos e etruscos no latim mais antigo são reveladores de muitos fatos a respeito da história dos romanos numa época em que nos falta outro tipo de documentação. A presença de têrmos indo-europeus no Oriente Próximo, em documentos egípcios e acádicos da Babilônia, constituem uma chave interessante para o estudo das relações culturais dos povos do Oriente Antigo, do segundo milênio antes da era cristã; aliás poderíamos lembrar o que significa a presença do elemento árabe na România Medieval, particularmente no português, no espanhol e no siciliano para nos dar uma idéia da importância e da influência da cultura árabe na Idade Média.

Nada pode dar uma imagem mais clara da contribuição da América indígena à cultura mundial do que têrmos como **batata, maiz, tomate, ananás, cacau, chocolate, tabaco** e semelhantes, que só a investigação histórica pode revelar.

3) Não nos esqueçamos do precioso instrumento que o estudo histórico tem sido para a **decifração de línguas antigas**. A Linguística Histórica tornou-se muitas vêzes um auxiliar utilíssimo da História justamente nesse ponto, pois a decifração requer sempre como ponto de apoio uma língua já interpretada. Daí, a necessidade ou de um documento bilíngüe em que uma das línguas seja conhecida, ou a existência de uma outra língua aparentada que proporcione a chave para sua interpretação. Se o primeiro método permitiu a decifração como o sumeriano e outras, foi o segundo que tornou possível a pronta interpretação do acádico, língua

da Assíria e Babilônia, graças ao estudo cuidadoso das línguas semíticas em geral. É verdade que se consumiram anos nesse trabalho. Não, porém, por causa da dificuldade de língua, mas pelos tremendos obstáculos que lhe punha a escrita silábica com suas centenas de sinais; interpretados êsses, a decifração se fêz com grande facilidade e fêz-se pela consciência ou pelo sentimento das características gerais das línguas semíticas. Aliás, uma anedota narrada por um historiador da Arqueologia Oriental dá uma idéia da importância que teve êsse sentimento na decifração do assírio e do babilônico. Renan pretendia conhecer muito bem as línguas semíticas e observava sôbre um dos seus maiores decifradores: "Oppert ofende em vários pontos o sentimento que creio ter das línguas semíticas", ao que redargüiu Oppert: "O assírio ofende os sentimentos do Sr. Renan sôbre as línguas semíticas; a razão está em que Renan não tem, provavelmente, o sentimento das línguas semíticas".

Os fatos posteriores mostraram que Oppert tinha razão, mas é interessante lembrar a preciosa contribuição que êsse trabalho comparativo tem ainda hoje, para uma língua que todos, talvez, creiam conhecida como o hebraico. Muitos dos sentidos que os velhos dicionários hebraicos registravam dessa língua têm sido revistos e alterados à luz do que o estudo comparado das línguas semíticas tem revelado. Poderia lembrar-se ainda o caso do osco e do úmbrio, línguas itálicas que foram com relativa facilidade decifradas pelos elos descobertos pela Linguística Histórica, enquanto, ao contrário, o etrusco, para o qual êsses elos não foram encontrados até hoje, não foi até aqui decifrado satisfatoriamente.

Mais modernamente temos o caso clássico e famoso do hitita, para o qual poucos pontos de apoio existiam. Sua escrita é acádica e, pois, conhecida. Intuindo que se tratava de língua indo-européia, o cientista tcheco Bedrich Hrosny tentou a decifração de uma primeira frase em que encontrou um grupo de palavras intimamente associadas ou pelo menos fomalmente semelhantes a certos grupos de palavras conhecidas, de origem indo-européia. Conseguiu-o em 1915 pelo método comparativo e daí em diante se desenvolveu todo o trabalho dos estudiosos do hitita.

4) A reconstrução esquemática, mas útil, de línguas e culturas pré-históricas, como no caso do indo-europeu e dos

indo-europeus, é um exemplo eloqüente da utilidade do trabalho científico realizado nesse campo. Se não é possível traduzir para êle contos e fábulas, como pretendia Schleicher, nem por isso se podem desconhecer os resultados positivos de um século de investigação histórica no campo da indo-europeística, em seu esforço de reconstrução de uma língua pré-histórica e no que esta revela a respeito da cultura pré-histórica de um grupo de povos que veio a ter excepcional importância na história da civilização. Também aqui temos a confirmação do fato de que uma língua é o espelho do povo que a fala.

Mas o valor da Lingüística Histórica não está simplesmente em auxiliar as ciências históricas. Se ela não pode constituir sòzinha a Ciência da Linguagem, não é possível construir sem ela uma ciência geral e básica, como mostram os últimos três itens aqui lembrados. Seja-nos lícito, nesta altura, insistir numa idéia que já apresentamos linhas atrás. É certo que houve um erro lamentável nos lingüistas do século passado quando pretendiam que a Ciência da Linguagem é essencialmente histórica. Mas parece-nos que agora caímos no erro oposto, ao pretender que a Lingüística Sincrônica é a única verdadeiramente científica. O equilíbrio está no reconhecimento de que a ciência da linguagem só se fará pelo conhecimento integral dêsse fenômeno. Assim,

5) A **variabilidade e instabilidade da linguagem**, características inerentes a ela, só pode ser avaliada à luz de uma visão diacrônica. É esta visão que revela com eloqüência todos os resultados da atividade constantemente renovadora sempre presente na linguagem humana, transformando num filme dinâmico aquilo que nos parece um retrato estático e meio morto.

6) O estudo histórico é essencial a uma **interpretação** inteligente e racional dos fenômenos da linguagem. Naturalmente, é possível fazer uma análise puramente descritiva da língua; afirmarmos mesmo que se deve começar por aqui, pois só descrevendo é que temos um retrato fiel daquilo que a linguagem é como função. Entretanto, parece-nos que essa análise rigorosamente objetiva, por si só não bastaria. Deter-nos aqui seria limitar deliberadamente a ciência diante dos fatos registrados, o espírito humano levanta uma série de problemas e questões, no desejo de captar o porquê das coisas. A insistência positivista de que devemos ficar

exclusivamente no terreno dos fatos e das leis que as regem, renunciando à curiosidade do espírito, viola e atrofia a inteligência que é inevitavelmente interpretativa e racional, tanto como observadora. Certamente, há numerosos fatos da língua viva que podemos observar e que têm função independente de sua história; não há dúvida, entretanto, que encerram uma série de problemas estimuladores da inteligência.

A diacronia propicia-nos fruir o encanto da resposta a muitas indagações que o trabalho sincrônico suscita. Poderia lembrar aqui meu primeiro contacto com a Linguística; quando era rapazote de dezesseis anos, caiu-me às mãos, casualmente, um pequeno livreto de um lingüista alemão. Corri os olhos ligeiramente e constatei ali pela primeira vez, e com profunda enoção, o relacionamento entre o al. **Vater**, o ingl. **father** e o lat. **pater**, e vi que **unus**, **ein** e **one** eram variantes de uma mesma palavra primitiva. É a diacronia que nos explica a coexistência de temos ou sufixos como **lad-o** e **lat-eral**; **are-i-a** e **aren-oso**; **vei-a** e **ven-oso**; **vid-a** e **vit-al**; **pedr-a** e **pétr-eo**; **livr-e** e **liber-dade**; **árvor-e** e **arbór-eo**; **ólh-o** e **ocul-ar**; **pai** e **pat-erno**; **diab-o** e **diaból-ico**; **mês** e **mens-al**; **paz** e **pac-ífico**; **cap-az** e **capac-idade**; **atroz** e **atroc-idade**; **amá-vel** **ama-bil-idade**, e uma infinidade de outras correlações que nos passam geralmente despercebidas, mas, quando nos detemos e refletimos, sentimos que só uma explicação de como surgiu essa curiosa anomalia satisfaz o nosso espírito. Outros fatos de gramática: como surgiu o futuro românico? Por que êle admite ainda a tmesa pronominal nas duas formas? Por que temos o tipo **nôvo**, **nova**, **novos**, excepcionalmente? Por que **sol** tem o plural **sóis**? Por que o estranho subjuntivo futuro **fizer**, etc.? Por que **portuguêsa** ao lado de **cortês**, masculino e feminino? Porque **recebo** e **reces**? Por que **do que** ao lado de **que**? Por que **à faca** ao lado de **a facão**? Como surgiu o infinitivo flexionado? São perguntas para as quais só a diacronia tem respostas que satisfazem plenamente. Tudo isto nos dá a consciência de um conhecimento integral da língua, acompanhada por um prazer do espírito que só compreendem aquêles que têm a sêde misteriosa e indescritível do verdadeiro saber. Pode-se discutir a utilidade prática das revelações trazidas pela diacronia. Mas lembremo-nos: ai da ciência no dia em que o cientista se decidir a estudar simplesmente aquilo para o que êle pode ver no momento utilidade prática!

7) Finalmente, para uma boa **inteligência do fenômeno humano da linguagem** e, portanto, para uma Ciência da Linguagem, a visão diacrônica, com o riquíssimo material que ela proporciona, constitui subsídio precioso e imprescindível. A Linguística Geral não se faz pelo estudo de uma língua, mas tanto quanto possível, de um conjunto das línguas. Dê-se conjunto não se podem excluir as variedades infinitas do passado, as infinitas ações, reações e transformações que elas apresentam.

A Ciência da Linguagem não é só o conhecimento dos fenômenos lingüísticos em si, mas também o de tôdas as forças e influências que nêles se manifestam, alterando-os, enriquecendo-os, marcando-os indelêvelmente. Daí, a importância do estudo dos fatores psicológicos e sociais sempre presentes na linguagem. Ora, o conhecimento dêsses fatores — inseparáveis da essência da linguagem até na sua definição, e aqui lembramos a de Marouzeau: “**todo sistema de sinais que podem servir para a comunicação entre os indivíduos**” — só se sentem em sua plenitude, por uma visão diacrônica da linguagem.

Em suma, temos de admitir algumas reformas necessárias e urgentes na tradição lingüística:

a) A função básica da Lingüística é o estudo direto da **língua viva e falada**, por observação e análise objetiva dos seus fenômenos, postas de lado tôdas as forças e influências que se manifestem muitas vêzes através dela, e todos os antecedentes que possam ter dado origem ao estado atual.

O fato fundamental e essencial da linguagem só pode ser apreendido no **uso atual** em sua função comunicativa. Fique bem claro, portanto, que a apologia da Lingüística Histórica não pretende, absolutamente, negar a necessidade fundamental da observação direta da linguagem e da fiel descrição sincrônica.

b) Por outro lado, também é verdade que **o estudo dos elementos da linguagem não se pode fazer isolando-os**, como muitas vêzes se fêz no passado. Embora a decomposição analítica tenha a sua função, é preciso lembrar que êsses elementos são parte de um todo, e que sua compreensão depende — em um grau maior ou menor — de sua relação com o todo. É a verdade enfatizada pelas escolas estruturalistas e de descrição lingüística moderna.

Mas, feita essa indispensável concessão, não caímos no **exagêro** dos que menosprezam a **Linguística Histórica**, como se se tratasse de um trabalho pseudo-científico do séc. XIX.

A Comparação como método da Linguística Histórica

Se na **Linguística Sincrônica** se trabalha essencialmente com a **observação direta** do material colhido, naturalmente esse recurso não pode bastar quando se trata de procurar reconstruir elos de parentesco, redescobrir fatos do passado histórico. Para supri-lo criou o séc. XIX o **método comparativo**, que busca mediante cuidadosa comparação de um grupo de formas aparentadas entre si, entrever a forma primitiva de que provieram, estudar a diversificação que elas apresentam e reconstruir a sua história dentro de cada língua.

Não se pretende, porém, que o método comparativo seja uma inovação mais ou menos arbitrária para atender aos interesses da **Linguística Histórica**.

Ele constitui um recurso inteligente e racional para a reconstrução de fatos que dependem de testemunho em todo o terreno. Tal como a **Paleontologia**, a **História da Cultura**, e até na investigação do crime na **Justiça**, esse método submete o testemunho a um estudo preliminar para avaliar seu isolamento, sua coerência, etc.

Naturalmente o método comparativo não exclui o uso do testemunho direto, sempre que seja possível. Assim, não se reconstrói o laíim vulgar simplesmente pela comparação das línguas românicas, mas procura-se levar em conta tudo aquilo que os documentos antigos podem fornecer de subsídio para o mesmo resultado.

O método comparativo trabalha com uma série de critérios, que têm por objetivo eliminar o fortuito e estabelecer os fatos, apelando para o bom senso.

Sabemos hoje que a concordância de duas línguas pode dar-se por origem comum (v. g., port. **céu**, esp. **cielo**, fr. **ciel**, it. **cielo**, rom. **cer**, etc.), por mera coincidência (cf. tupi **py** = port. **pé**; puçanga = poção; grego mod. **mati**, "ôlho", = malaio **mata**) ou por empréstimo (port. **chapéu** e **jardim**, do fr. **chapeau** e **jardin**).

Para que a comparação valha, ela deve eliminar a coincidência e tentar separar herança original de empréstimo posterior, daqui o princípio básico da comparação: "tôda identidade formal, quando repetida freqüentemente, sendo ainda rica em pormenores comuns, não pode ser fortuita". Esse princípio pode ser ilustrado de um modo simples: duas pessoas jogam dados e uma delas durante uma série de vêzes tira sempre o mesmo número. Quando isso acontece duas ou três vêzes, admitidos que é acaso; se se repete muitas vêzes, logo desconfiamos dêsse "acaso". As soluções lingüísticas idênticas em linhas muito gerais são comuns, e explicam-se pela identidade universal da mente humana; é por isso que o segundo têrmo da comparação se exprime exatamente do mesmo modo no indo-europeu, no hebraico e no tupí, línguas inteiramente isoladas uma de outra. A evolução do complemento de procedência para o de posse surge em várias línguas indo-européias independentemente numas e noutras.

Se duas línguas têm freqüentemente o mesmo têrmo quando ambas são línguas monossilábicas, e isso é lembrado por Meillet, nada há de estranho, a coincidência deve ser normal. Mas quando encontramos palavras com cinco, seis, oito ou nove fonemas idênticos e há um número maior de palavras coincidentes nas duas línguas, a coincidência fortuita fica eliminada. Assim, nós podemos encontrar línguas fora do indo-europeu com declinação e distinção de casos que lembram aproximadamente algumas das distinções indo-européias. Mas se nós encontramos uma língua, em que se consigam estabelecer os casos de que ela dispõe e vemos que as desinências de todos ou de quase todos êles têm a mesma forma ou uma forma muito próxima das indo-européias, isso será suficiente para que ponhamos de lado o fortuito e concluamos com segurança pela identidade de origem.

O inglês e o sânscrito estão muito longe um do outro no seu aspecto, na sua gramática, em tôda a sua estrutura, mas os elementos estruturais semelhantes que sobram são suficientes para permitir ao lingüista concluir com tôda segurança que estas coincidências só se explicam por uma origem comum das duas línguas.

Vejamos agora alguns outros princípios complementares do método comparativo:

1) Deve haver certeza do **isolamento** entre as várias línguas que se comparam entre si desde o período que se procura reconstruir, tal como se exige das testemunhas que depõem num processo judicial. Podemos reunir três testemunhas a respeito de um desastre, mas se sabemos que as três estavam juntas, as três têm relações de amizade e as três puderam comunicar-se entre si antes de prestar o depoimento, a concordância que elas apresentarem no seu testemunho valerá muito pouco. Houve lingüisticamente, diríamos aqui, passagem de um para outro. Mas se podemos reunir três testemunhas a respeito das quais temos a absoluta certeza de que desde o momento em que o desastre se deu não puderam comunicar-se entre si, e as três narram fatos com uma série de pormenores coincidentes, podemos concluir que êsses testemunhos têm a razão de sua concordância no fato ocorrido. Daí, a importância do isolamento. A concordância entre o grego e o sânscrito tem significação maior do que entre o céltico e o latim, que foram vizinhos durante muito tempo. A concordância entre o português e o romeno tem uma significação muito maior do que a que se verifica entre o português e o espanhol, pois sabemos que a Dácia esteve isolada do resto do grupo românico durante séculos. Sabemos todos do valor do testemunho do judeu-espanhol, dialeto isolado há séculos no Oriente, como fonte de estudo do espanhol do séc. XV.

2) Devem-se buscar sempre as **formas mais antigas**. Não se faz comparação entre as línguas românicas para reconstrução do latim vulgar, simplesmente tomando espanhol moderno, francês moderno, e assim por diante, mas buscam-se as formas mais antigas. Comparando o latim com outras línguas indo-européias encontramos nêle apenas três ditongos vivos na época clássica, e geralmente na sílaba inicial: **ae**, **oe**, **au**. Suspeitamos por outras línguas que êsses ditongos deveriam ter sido muito mais numerosos; pois bem, basta reunir o material das inscrições antigas para descobrir que quase todos os ditongos pressupostos pelo método comparativo ocorrem no latim antigo, confirmando brilhantemente a nossa suspeita. Os exemplos podem ser facilmente multiplicados.

3) As formas de origem primitiva comum devem enquadrar-se num **sistema de correspondências fonéticas regulares**.

Uma das críticas razoáveis aos neogramáticos é a de que eles se preocuparam, quase que absorventemente, com a fonética. Entretanto não é possível cair no erro oposto, negligenciando as transformações que ela apresenta, sob pena de reduzir toda a Linguística Histórica a uma aventura no escuro. Com efeito, é o conhecimento das transformações regulares que os sons apresentam nas diversas línguas, de um tronco comum, que nos permite controlar a herança léxica, morfológica comum preservada por elas.

De fato, às vezes as relações etimológicas estabelecidas pela Linguística moderna podem parecer tão fantásticas e arbitrárias como os étimos imaginosos de Varrão, de Isidoro de Sevilha ou de certos dicionários dos séculos XVII e XVIII⁵. O que, porém, distingue as etimologias modernas é que elas se enquadram sempre dentro de um sistema rigoroso de correspondências fonéticas. Onde tal não se dá, elas são eliminadas. Assim, pode parecer fantástico ao leigo ouvir que o ingl. **to come** tem a mesma origem do nosso **vir**, lat. **venio**, gr. **balno**, sânscr. **gamyati**, gót. **quilmon**; ou que seja originariamente a mesma forma que ingl. **cow**, port. **boi**, lat. **bos** — que aliás é dialetal — gr. **bous**, sânscr. **gauh**, etc. Mas para quem fez um estudo das correspondências fonéticas essas etimologias impõem-se necessariamente.

Por outro lado, que leigo não se sentiria tentado a dizer que o ingl. **to have** e o al. **haben** são a mesma coisa que o lat. **habere** e o nosso **haver**, hipótese hoje rejeitada precisamente em nome das correspondências fonéticas?

4) A origem comum de duas ou mais línguas se denuncia pela **concordância de seus elementos gramaticais** (particularmente da morfologia, quando a têm), e de seu **vocabulário básico** (doméstico e de vida quotidiana) antes que pelo seu vocabulário cultural, facilmente transferível de um grupo para outro.

Enquanto aquêles constituem a estrutura essencial da língua, a sua **forma**, êstes são instrumentos mais ou menos contingentes e transitórios, podendo ser substituídos de

(5) Como *formica*, de *fers mica*, "carrega-migalhas"; *magister*, de *magis-ter*, pois o mestre deve saber pelo menos "três vezes mais" que o aluno, e assim por diante.

acôrdo com as necessidades culturais. Assim, o que o português tem de "gramática", apesar de já relativamente pobre, é bem indo-europeu: os seus numerais, os seus pronomes, e muitas de suas preposições. Lembram muito mais o indo-europeu os nomes designativos das relações de família, do que os das plantas e dos animais, naturalmente mais sensíveis às modificações do ambiente cultural.

5) Para desvendar os estratos lingüísticos mais antigos, é necessário examinar principalmente as **regiões marginais** (mais distantes), e **as mais isoladas**, onde se encontram os dialetos e as formas mais conservadoras. Temos aqui uma contribuição preciosa da Geografia Lingüística, sistematizada particularmente pelos neolingüistas Bartoli e Bertoni, apesar de algumas aplicações discutíveis. Aliás, Meillet insiste neste aspecto das línguas indo-européias⁶, e hoje se fala no caráter conservador do lituano, do português, do romeno e do sardo no conjunto da România.

6) De um modo geral as irregularidades, as exceções, enfim tudo que se explica mal em uma língua, mas que ocorre normalmente em línguas irmãs isoladas, deve representar herança de um estágio mais antigo. Assim, o tipo de gradação adjetiva sânscr. **iyas, istah**, gr. **-ion** (< **-is-on**), **-istos** é raro e anômalo no sânscrito e no grego, ao lado de outro muito regular: gr. **-teros, -tatos**, sânscr. **-tarah, -tamah**. A comparação revela que o primeiro tipo que corresponde ao do latim, do germânico, etc., é certamente a formã herdada; outros fatos confirmam, ademais, o caráter mais recente do segundo tipo. Ainda outros exemplos: o sânscrito **a** corresponde a **a, e e o** do grego quando breves. Qual representa o estado primitivo? Durante muito tempo a ideia de que o sânscrito era a língua mais perfeita e mais primitiva, levou a se tentar explicar como é que o grego e o latim teriam transformado o **a** freqüentemente num **e** e num **o**. Mas o comportamento anômalo do **a** sânscrito, especialmente quando em relação com certas consoantes vizinhas, que ora apareciam como velares, e ora como palatais, denuncia seu caráter recente enquanto o vocalismo grego constitui o tipo mais antigo.

(6) V. capítulo sôbre formas marginais e arcaizantes do indo-europeu, inserto na *Esquisse d'une histoire de la langue latine*; v. também de Maria Josefa Canellada — *El Bable de Cabranes*.

Em português, ao estudar a sintaxe do infinito e procurando aplicar-lhe algumas regras simples, encontrei a forma “convém preparar-nos” que me chocou, apesar de muito comum em tôdas as épocas da língua. Com efeito, deveria ser “convém prepararmo-nos”, uma vez que a noção de primeira pessoa do plural é aqui muito clara. É uma anomalia dentro do sistema português, mas examinando-a do ponto de vista românico verifiquei, imediatamente, que ela é um dos empregos mais normais e comuns do infinitivo invariável de tôdas as línguas românicas. Assim, trata-se de uma irregularidade reveladora de uma evolução histórica.

7) Finalmente, o estudo dos empréstimos às línguas vizinhas, em época antiga, serve muitas vêzes para confirmar e esclarecer o estado primitivo induzido da comparação. Os empréstimos germânicos antigos no finlandês, mais propriamente no dialeto lapão, aparentado ao finlandês, apresentam exemplos que ainda não sofreram a mutação consonantal, permitindo documentar um estado lingüístico não encontrado em nenhum texto germânico.⁷

Meillet observa que foram os empréstimos tomados ao irriano pelo armênio que permitiram reconstruir a fonética do persa antigo páleo-persa.⁸

Sabemos que o uá francês escrito **oi**, primeiramente foi **oi**, depois **oé** e só mais tarde **uá**. Há empréstimos portugueses do francês que denunciam êsse estágio antigo: assim dizemos **clarabóia**; êsse **ói** veio para o português no tempo em que o francês dizia **vote** e não **vuá**. **Framboesa** é posterior, de uma época em que já o **oi** tinha passado a **oé**. Nas formas que nos vêm do francês moderno o ditongo se pronuncia **uá**. Quer dizer que os nossos empréstimos podem permitir a reconstrução parcial de alguma coisa da fonética francesa antiga.

Com êsses critérios complementares (e não pretendemos esgotar os que existem), chega-se a fazer um longo e paciente trabalho de triagem, que permite formar uma idéia geral bastante satisfatória de uma língua pré-histórica, como o indo-europeu, ou de uma variante popular como o latim vulgar

(7) Salvo, talvez, algumas antiqüíssimas inscrições rúnicas: cf. L. Bloomfield, *Language*, New York, Henry Holt and Company, (1958), pp. 305-306, e T. E. Karsten, *Les anciens germains*, Paris, 1931, pp. 169 e 184.

(8) Cf. *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris, 1933, p. 5.

(aqui freqüentemente com o auxílio de documentos escritos, **mas também as vêzes contra eles**) e da sua lenta e progressiva transformação em um grupo de línguas.

Naturalmente, o que se tem aí é antes de tudo uma fórmula que serve de base a uma série de correspondências, mas nem por isso se exclui a possibilidade de uma aproximação maior ou menor do estado que se reconstrói. Aliás, o método comparativo apresenta uma série de interessantes confirmações a **posteriori** que lembram até a famosa descoberta do planeta Netuno depois de sua existência estabelecida aprioristicamente por cálculos matemáticos.

É verdade que os dados fornecidos pela Lingüística Histórica nem sempre apresentam a absoluta segurança do material que se colhe por observação direta. Mas esta é uma limitação inevitável em tôdas as ciências históricas.

O historiador elabora e interpreta a História com os dados sempre incompletos que consegue reunir nos documentos escritos, nos monumentos e nos restos deixados por povos antigos. Isso não desvaloriza o seu trabalho nem lhe tira o caráter científico. Os fatos mais ou menos misteriosos ocultos na penumbra do passado constituem um desafio à inteligência do especialista. Nessa luta por conhecer os segredos que os séculos passado escondem, vai êle aperfeiçoando continuamente a sua técnica. Nada ilustra melhor o valor da obra realizada do que a progressiva solução de numerosos problemas no campo da indo-europeística durante um século e meio de investigação científica.

Aspectos fundamentais da evolução lingüística

1) **As línguas se transformam.** Esse é um fato real e universal de observação. Em todos os seus aspectos, a língua de hoje, não é a de um século atrás, menos ainda a de um milênio atrás. É verdade que há enorme variação no seu comportamento. Do indo-europeu para o céltico encontra-se um abismo; para o sânscrito antigo a distância é pequena, mas também pequena para o lituano, língua que só se conhece do século XVI para cá, bem posteriormente ao céltico. Algumas línguas parecem transformar-se com impressionante rapidez, outras com lentidão curiosa.

Há também uma variação muito grande dentro da mesma língua; o sânscrito, notavelmente conservador no seu consonantismo, apresenta um vocalismo que desfigura inteiramente o sistema indo-europeu, pelo menos no timbre que as vogais apresentam. O português conserva notavelmente o vocalismo do latim vulgar, mas apresenta inovações importantes no seu consonantismo.

As nossas línguas em geral têm ainda hoje as consoantes iniciais indo-européias vindas através do latim. As mediais e finais apresentam uma alteração profunda. O mesmo se pode observar em parte de gramática. A nossa conjugação não está tão longe da latina, mas de sua declinação não nos sobra nada. Nas línguas germânicas, ao contrário, conservou-se relativamente bem a declinação antiga; enquanto a conjugação mudou bastante. Assim, em grau maior ou menor, seja como fôr, num ou noutro ou mesmo em muitos dos seus elementos estruturais, o fato universal é que as línguas se transformam

2) A transformação das línguas apresenta dois aspectos: o **material** (fonético) e o **formal** (léxico-gramatical), que se comportam de maneira diferente. Vejamo-las ligeiramente.

O elemento material da linguagem são os sons, instrumentos ou meios de que a língua se serve. Cada língua tem o seu sistema fonológico, mas êste é instável, transforma-se, altera-se, recompõe-se continuamente. A transformação que os sons apresentam é regular, e isso se notou desde Rask e Grimm. Foram sobretudo os neogramáticos que estabeleceram êsse fato, apesar das muitas polêmicas que suscitaram. Trata-se de um fenômeno fisiológico, que funciona mecânicamente, ou talvez melhor diríamos, automaticamente. Isso podemos observar até mesmo em nossa vida comum: se alguém não consegue articular um l pré-consonântico como em **alto**, **falta**, **salto**, fará a transposição em tôdas as circunstâncias em que ocorrer o mesmo elemento, e dirá, **arto**, **farta**, **sarto**. Essa articulação é característica de uma zona de nosso Estado, onde o r tem uma pronúncia regional especial.

A transformação regular e automática atinge os sons, e não os fonemas;⁹ assim, no caso do t latino, não foi o fonema t

(9) Todo os exemplos mencionados por Jakobson em seus *Principes de phonologie historique*, edição citada, são de transformação de sons, não de fonemas.

que se modificou e sim uma de suas formas ou variantes, a intervocálica, de modo que houve uma interposição do sistema como resultado das transformações. O *c* latino, fonema único, aparece ainda como velar surdo em *caro*, *fôrca*, mas aparece também como sonoro em *pagar*, vocalizado em *feito* e *oito*, como sibilante em *céu*, *paz*. Tudo isso dá um aspecto bem diferente à língua depois de séculos e às vèzes de milênios. Mas é preciso lembrar que a regularidade das transformações nos permite reconstruir e “adivinhar”, por assim dizer, formas anteriores desconhecidas, as quais acabaram por ser confirmadas depois ¹⁰. *Retina*, por exemplo, e ainda *anxia* e outras formas assim, foram postulados primeiro como resultado do estudo fonético das línguas românicas e depois confirmadas pela documentação latina. Transformação diversa temos no aspecto **formal** da língua, elemento que exprime a sua natureza íntima; presenciamos aqui uma evolução que complica e desfigura as línguas, transformando-as inteiramente.

Essa evolução atinge as duas faces do signo lingüístico: a do **significante** ou **formal** (chamemo-la como quisermos: **monemas, morfemas, sintagmas, têrmos, orações**, etc.) e a do **significado** ou **significação**. Como já se disse, “les mots changent de sens”, e “les sens changent de mots”. Essa evolução, bem mais complicada que a fonética, deve sua complexidade ao fato de atingir muitos milhares de signos. Enquanto a evolução fonética ocorre em elementos avaliados em duas ou três dezenas.

É a evolução do elemento léxico-gramatical que acarreta o surgimento de línguas novas; com efeito, temos dito muitas vèzes que o português não é filho do latim, constituindo antes uma continuação dêle, a forma que êle tomou em Portugal e depois no Brasil. A alteração foi tão profunda que ninguém mais falará no português como uma variante ou um dialeto do latim: são duas línguas diferentes.

Uma análise das transformação sofridas pelo aspecto da língua a que nos vimos referindo evidencia alguns mecanismos interessantes (restrições e extensões, associações) todos êles a apontar o conteúdo mentalista do fenômeno lingüístico.

(10) Há, naturalmente, fatores que perturbam essa regularidade, provindo de elementos quer significativos (psíquicos), quer sociais (empréstimos).

Esta será a maior crítica que formulamos ao trabalho do ilustre lingüista Bloomfield, pois acreditamos que para uma compreensão clara e total da linguagem, não podemos colocar em segundo plano as relações entre ela e a mente, fato que se reflete nas emoções, na expressividade, no eufemismo e no disfemismo, na preocupação de clareza, de classificação, nas analogias resultantes, e assim por diante.

3) Finalmente, é preciso lembrar que as línguas e os dialetos em seu duplo aspecto, fonético e significativo, evoluem não apenas por transformações ou inovações internas, senão também — e em grande parte — por empréstimos, vale dizer, por imitação. As transformações surgem num ponto, depois se disseminam; disseminam-se as inovações fonéticas, disseminam-se as inovações sintáticas, disseminam-se as inovações léxicas e semânticas e até — embora em menor grau — as morfológicas, sempre em presença de um fator social que leva à imitação. A disseminação e a irradiação das formas têm de ser levadas em conta em toda reconstrução histórica de uma língua.

Conclusão

A Lingüística Geral tem dois setores distintos, mas essenciais para a compreensão plena da linguagem: a Lingüística Descritiva (sincrônica) e a Lingüística Histórica (diacrônica).

A primeira tem de ser a base de todo estudo científico desse fenômeno humano fundamental, porque só nela apreendemos a linguagem em sua função peculiar e única.

A segunda constitui um complemento imprescindível para que essa ciência seja completa pois que interpreta e explica os fatos que a primeira colige. A Lingüística Histórica teve no passado e tem hoje uma função importante no estudo desse rico patrimônio cultural e humano.

INTERVENÇÕES:

Prof. MATTOSO CAMARA

1) Em seu relatório, refere-se à suposição de Bernard Pottier de que deve haver diferença entre **meu chapéu** e **o meu chapéu** uma vez que há diferença de estrutura. Parece-me que há mesmo diferença, a qual todavia desaparece em certas situações. As vezes o artigo marca uma atualização, como dizia Bally. Assim há uma diferença entre "Este chapéu é meu" e "Este chapéu é o meu". Neste segundo caso em que o possessivo é pronome-substantivo, o artigo determina **chapéu**, que tanto o falante como o ouvinte tinham em vista. Não estará aqui a diferença que Pottier queria?

R. Ele apresentou dois exemplos colhidos casualmente no jornal, dos quais não me lembro exatamente, um com artigo e outro sem, mas sem diferença de sentido. Não se tratava do caso ora referido em que sem dúvida existe diferença. "Este chapéu é meu" e "este chapéu é o meu" não são indiferentes, há uma distinção real de sentido. Parece-me que há interferência de influências diferentes, como a influência de leituras e a da linguagem falada, que nos levam, em certos casos, a hesitar. Assim no caso de **do que** e **que** comparativos; na linguagem falada é mais ou menos universal, em nosso meio atualmente, o **do que** introduzindo o segundo termo da comparação; mas **que** ainda é usado porque toda leitura um pouco mais antiga nos apresenta abundância de **que**. Uma pessoa de certa leitura começa então a hesitar.

Prof. ATALIBA T. DE CASTILHO

2) — O senhor acha possível combinar as perspectivas historicistas e estruturalistas?

R. — Acho que, dum lado, os historicistas não entenderam a importância do estudo direto dos fatos lingüísticos e menosprezaram os trabalhos de inovação, mais ou menos como os velhos lingüistas fizeram com os neogramáticos, batizando aliás com esse nome os inovadores. De outro lado, quase todos os estruturalistas vieram de uma formação histórica e continuaram sempre a respeitá-la. Aliás, se Saussure insiste na separação de estudo diacrônico e estudo sincrônico, insiste em que há lugar para os dois. Isto se encontra muito acentuadamente na escola de Praga e mesmo na Glossemática de Hjelmslev. Entre os

entusiastas dessa nova contribuição surgiram alguns que pensam que a Linguística Histórica é uma coisa do passado, quando, do meu ponto de vista, a linguagem é um fenômeno que só pode ser estudado e compreendido pela observação direta que se está procurando fazer pelos métodos modernos: mas a preocupação de utilizar outros elementos, inclusive da História, para entender qual a função da língua, me parece incontestável. Eu não entendo o verbo **comer** pela sua origem, mas pelo que é hoje. Para quem fala é isso que interessa antes de tudo. Estou de pleno acôrdo. Mas como a língua é também um fenômeno que apresenta evolução, para a compreensão do aparecimento das formas atuais no espírito, normalmente exige-se complementação histórica, portanto, acho que a Linguística deve constituir-se das duas perspectivas. O que é preciso é respeitar a realidade dos fatos e evitar que preconceitos de escola possam deformar os estudos da língua.

Prof. JOAO PENHA

3) — Que acha do estudo da fonética histórica?

R. — No meu curso de Linguística Românica tenho procurado combinar os elementos necessários à noção do que é a Linguística Moderna, i.e os interesses modernos na sincronia, com a visão histórica. O conjunto das línguas românicas nos dá a idéia de como essas línguas vieram a se constituir historicamente, naturalmente vendo-se aí que o estudo fonético não deve ser absorvente, mas um elemento essencial. Acho que realmente a parte fonética é árida, se bem que hoje se apresente bem mais interessante do que na tradição sêca do passado. O estudo fonológico é necessário, básico para qualquer trabalho de Linguística Histórica. Conheço casos de pessoas que têm menosprezado êsse estudo e estão se transformando em aventureiros da Linguística. Acho que não se deve terminar um curso de Letras sem uma noção dêsse aspecto da Linguística e no caso do Português, hoje matéria obrigatória no curso de Letras, da fonética histórica portuguesa.

Prof. ADRIANO DA GAMA KURI

4) — A preocupação com o porquê dos fatos não é meramente especulativa? Haverá interesse em esclarecer o porquê de tudo? A Linguística Aplicada só interessa, por exemplo, ensinar que o plural de **sol** é **sóis**.

R. — Não vejo se as disciplinas são diferentes, vejo que são interesses diferentes. Na ciência da linguagem cabe um aspecto utilitário, mas não pode ser cogitação fundamental de quem está investigando um fato. Na prática naturalmente pode-se perguntar se uma certa disciplina, o método de observar uma linguagem pode ajudar na aprendizagem de uma língua, mas, em todo caso, convém lembrar que, muito antes da ciência linguística moderna, a maior ou menor facilidade em aprender uma língua sempre dependeu de quem a estudava.